

A VIDA INTERIOR: O QUE É?

Ir. Luíz Vicente Maria, AP



Mística

No dia do nosso Batismo, Jesus, o Menino-Deus, o Verbo Encarnado, nasceu, verdadeiramente, dentro de nós, “o Reino de Deus está no meio (dentro) de vós” (Lc. 17, 21). Para encontrarmos Jesus, o Verbo, a Palavra, o Reino de Deus, dentro de nós, no nosso íntimo, no nosso interior, precisamos encetar um belo e profundo caminho de interiorização, renúncia e santificação.

Nosso Mestre São João da Cruz aponta o sentido que deve tomar a nossa caminhada rumo ao encontro com o Verbo, o Espírito Santo, a Santíssima Trindade, em nosso interior. A seguir, vejamos a doutrina são-joanina¹, que é a da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, também à luz de Santo Tomás e de Santo Agostinho.

O ser humano, composto de corpo e alma, precisa, com o auxílio da Graça divina, mortificar (noite escura ativa do sentido e do espírito) e deixar Deus mortificar (noite escura passiva do sentido e do espírito) os sentidos corporais (visão, audição, paladar, tato e olfato) e as faculdades (potências) da alma (inteligência, vontade, memória e imaginação).

As virtudes teologais, Fé, Esperança e Caridade, com o nosso “*fiat*” (sim, faça-se), purificam e possuem, plenamente, as faculdades de nossa alma. A Fé (cor branca) purifica a nossa inteligência, a Esperança (cor verde) purifica a memória e a Caridade (cor vermelha) purifica a nossa vontade. Sendo a Vontade a “rainha”, aquela que dá o sim, o “*fiat*”, ao Amor de Deus (1º Mandamento), é esta que devemos, mortificar, deixar ser mortificada pela Graça e direcionar para Deus que está dentro de nós, usando-a para fechar as “janelas da alma” (os sentidos) renunciando, corajosamente, à paixão do gozo desordenado posto nos bens (nas coisas e nas criaturas) em geral, a saber, nos *bens temporais*² (riquezas, posições, ofícios e outras honras exteriores;

¹ Para melhor entendimento da doutrina de São João da Cruz é recomendável um conhecimento prévio da doutrina filosófica e teológica (Antropologia e Psicologia) de Santo Agostinho e de Santo Tomás. De Santo Agostinho também, pois Santo Tomás possui fontes para a sua Antropologia (que engloba a Psicologia), a saber: Sagrada Escritura, Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Alberto Magno. “As doutrinas antropológicas de Santo Agostinho, no que se referem à natureza espiritual da alma, são fundamentais para a estruturação dos argumentos tomistas”. Cfr. FAITANIN, P. *A Antropologia Tomista, in Aquinate* n. 2 (2006).

² SÃO JOÃO DA CRUZ. *Subida do Monte Carmelo (Sub.)*, III, XVIII.

casamentos, parentes, filhos *etc.*), nos *bens naturais*³ (beleza, graça, boa compleição e todos os outros dotes corporais; também quanto à alma: o bom entendimento, a discrição, e todas as demais qualidades pertencentes à razão), nos *bens sensíveis*⁴ (tudo o que cai sob o domínio da visão, audição, olfato, paladar e tato, e que serve para formar os raciocínios interiores imaginários; em uma palavra, tudo o que pertence aos sentidos corporais interiores e exteriores), nos *bens morais*⁵ (as virtudes morais e os hábitos resultantes de seus atos, o exercício das obras de misericórdia, a observância das leis divinas e humanas; em resumo, tudo o que, ordinariamente, ocupa a atividade de um caráter inclinado à virtude), nos *bens sobrenaturais*⁶ (as graças e os dons concedidos pelo Senhor, superiores à habilidade e poder natural, chamados *gratis datae - dons gratuitos*). Tais são os dons de sabedoria e ciência conferidos a Salomão, e também as graças enumeradas por São Paulo: “A fé, a graça de curar as doenças, o dom dos milagres, o espírito de profecia, o discernimento dos espíritos, a interpretação das palavras, enfim, o dom de falar em diversas línguas” (1 Cor 12, 9 – 10). E, finalmente, nos *bens espirituais*⁷ (todos aqueles cuja moção nos ajuda e dirige às coisas divinas, ou favorecem o trato da alma com Deus e as comunicações de Deus à alma).

A vida interior consiste, então, em entrar em nós mesmos pela mortificação dos sentidos e das faculdades da alma, através da vida de oração interior-contemplativa, com a finalidade de encontrarmos, no centro de nosso ser, o Reino de Deus, Jesus Cristo, o Amado de nossas almas. Foi o que Santo Agostinho descobriu, dizendo que o Amado de sua alma, que ele buscava fora dela, na verdade estava dentro de seu ser, no âmago de sua alma.

Pela renúncia aos prazeres, à satisfação dos apetites sensitivos (a sensibilidade)⁸, aos nossos pensamentos e vontades próprios, alheios aos de

³ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Sub.*, III, XXI.

⁴ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Sub.*, III, XXIV.

⁵ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Sub.*, III, XXVIII.

⁶ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Sub.*, III, XXX.

⁷ SÃO JOÃO DA CRUZ. *Sub.*, III, XXXIII.

⁸ A expressão *apetite* aparece na terminologia são-joanina sem explicação de seu significado exato. Segundo o “Dicionário São-Joanino” (SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras Completas de São João da Cruz*, p. 1147), *apetite* é: “palavra usadíssima em todos os escritos de São João da Cruz, de difícil tradução e que obscurece o sentido do texto. Em São João da Cruz os apetites podem ser naturais e podem ser também vícios. Geralmente são manifestações negativas enraizadas no mais íntimo da alma. São tendências naturais da afetividade, com a participação da vontade e formam uma categoria moral negativa mais que psicológica (cfr. SALVADOR, F. R.). A diferença entre o significado de *apetite* em São João da Cruz e na moderna Psicologia está nisto: na Psicologia, os apetites não têm responsabilidade moral, são movimentos primeiros; em São João há responsabilidade. Na terminologia tomista, vemos a palavra *apetite* no âmbito da Antropologia e da Psicologia (da Gnosiologia

Deus, deixemos o Deus-Amor possuir-nos plenamente, pois Ele quer dirigir, governar, amorosa e suavemente, a nossa vida, a nossa alma, o nosso ser, para que da união com Ele, ainda aqui na terra, que se dá no íntimo de nosso ser, transborde uma torrente de amor para o mundo exterior a regar, abundantemente, as nossas relações familiares, sociais e caritativas.

O Reino de Deus, aqui na terra, começa dentro de nós, na nossa individualidade, e continua fora de nós, transbordando no coletivo humano, no estabelecimento de um convívio fraterno, humano, ceio de Paz, Amor e Alegria, na Comunidade-Família humana.

Tenhamos coragem de empreender a viagem ao Reino de Deus, que está dentro, no meio, no centro de cada um de nós, a fim de que Ele *vivat, crescat et floreat* (viva, cresça e floresça) fora de nós, constituindo relações humanas justas e fraternas.

também). Para Santo Tomás, a alma humana, dita racional ou intelectiva, possui as seguintes potências (faculdades): *intelectiva, sensitiva e vegetativa*. A *intelectiva* possui duas potências – a *razão*, que ordena à verdade, e a *vontade*, que é o apetite do intelecto e se ordena ao bem. A *sensitiva* também possui duas potências – a *concupiscível*, que move a alma para a busca de bens sensíveis e evita os males sensíveis, e a *irascível*, que move a alma para a busca de bens sensíveis difíceis e evita os males sensíveis difíceis de evitar. A potência *sensitiva* age mediante os órgãos dos sentidos. A potência *intelectiva*, inclusive e sobretudo a *vontade* (apetite do intelecto) utiliza a potência *sensitiva* como ferramenta do seu operar. Com os movimentos do apetite sensitivo, que são as paixões da alma, sobretudo o gozo, a potência *intelectiva* passa a operar. A *inteligência (razão)* discernindo e julgando, e a *vontade (apetite intelectivo)* buscando ou evitando um determinado bem temporal, natural, sensível, moral, sobrenatural ou espiritual. Mas cabe ressaltar que quando falamos de *apetite* na doutrina são-joanina estamos falando do “*conjunto apetitivo*” do ser humano (alma e corpo), tão bem elucidado por Santo Tomás. Resumindo, os apetites sensitivos e as paixões, sobretudo o *gozo*, ativam o apetite intelectivo, a vontade, da potência intelectiva, após passar pelo crivo do intelecto, da razão, também da potência intelectiva da alma humana. Cfr. FAITANIN, P. *A Antropologia Tomista e Psicologia Tomista*, in *Aquinate* n. 2 (2006). Daí podermos dizer que, quando São João da Cruz fala de *apetite* refere-se à atividade racional e voluntária (com o concurso da alma e suas potências e do corpo e seus sentidos) de desejar e de buscar possuir desordenadamente (inerente à natureza humana decaída pelo Pecado Original) algum bem temporal, natural, sensível, moral, sobrenatural ou espiritual.